

LAZER POPULAR: PRÁTICAS E DESENVOLVIMENTO LOCAL

Marília Salles Falci Medeiros

(Professora do PPGSD/UFF)



Piscinão de Ramos. Imagem disponível em http://www.realice.com.br/visitas_care.htm

RESUMO:

O estudo tem como objetivo refletir sobre o sentido que as classes populares dão ao lazer, procurando entender os significados do tempo livre e suas repercussões no cotidiano das pessoas. Analisa alguns aspectos do estilo de vida, que através do comportamento descontraído revela maneiras de ser, formas de ações coletiva, práticas de sociabilidades típicas das classes populares. Há uma preocupação em refletir sociologicamente categorias teóricas como tempo livre, lazer, férias, categorias que remontam ao século XIX e início do século XX. Não faremos uma abordagem somente teórica sobre o lazer, mas pretendemos refletir estas questões também empiricamente. Escolhemos uma comunidade da periferia do Rio de Janeiro, o Bairro de Ramos, para observar as práticas do tempo disponível de um determinado grupo social.

ABSTRACT:

The study it has as objective to reflect on the direction that the popular classrooms give to the leisure, looking for to understand the meanings of the free time and its repercussions in daily of the people. It analyzes some aspects of the life style, that through of the relaxed behavior they disclose ways to be, action forms collective, practical of typical sociabilities of the popular classrooms. It has one concern in reflecting categories sociology e theoretical as free time, leisure, vacation, categories that retrace to century XIX and beginning of century XX. We will not only make a boarding theoretician on the leisure, but we intend to also reflect these questions empiric. We choose a community of periphery of Rio de Janeiro, the Quarter of Ramos, to observe the practical ones of available time of one determined social group.

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o lugar e o sentido que o lazer ocupa na vida cotidiana das famílias populares. Apresentaremos contribuições analíticas nos domínios da sociologia do turismo e lazer, sobretudo no que se refere às classes populares. Este estudo também pretende abordar o significado do divertimento das classes populares face ao sofrimento ordinário da vida cotidiana. Assim, acreditamos dar algumas contribuições para uma reflexão antropológica e sociológica sobre alguns aspectos do “estilo de vida das classes populares” em seus momentos de descontração, longe das práticas de dominação do trabalho e distante dos templos de oração.

Partimos do pressuposto que as classes populares constroem um manancial de produção simbólica própria como expressão típica, dentro de um contexto familiar sempre grupal, na realização dos momentos de lazer, nos passeios na natureza, parques, praias ou jardins públicos. Nestes momentos descontraídos podemos observar comportamentos consumistas das classes populares saídos da cultura do “mito do lazer”. Para Joffre Dumazedier, o lazer não se reduz ao tempo liberado pelo progresso econômico e pela reivindicação social:

Ele é também criação histórica, oriundo das mudanças dos controles institucionais e das exigências individuais. Inteiramente condicionado pelo consumo de massa e pela estrutura de classe, o lazer está se tornando o centro de elaboração de novos valores sobretudo nas gerações jovens: põe em cheque as regras do trabalho profissional e escolar, a vida familiar, sócio-espiritual e sócio política.¹

Portanto, o autor enfatiza que o lazer deu origem a um movimento social que começa a modificar não apenas as estruturas da sociedade, mas de modo mais radical ainda, as orientações da própria vida. O estudo está dividido em duas abordagens. A primeira parte refletirá sobre os conceitos de cotidiano e de vida cotidiana. A segunda parte, abordará questões mais ligadas ao papel e o significado do turismo e lazer para o desenvolvimento de comunidades locais. Na terceira, apresentaremos uma experiência concreta de criação de um turismo social no Rio de Janeiro. Nossa referência é o bairro de Ramos, tendo em vista a existência da área de lazer denominada Piscinão de Ramos devido à sua ampla aceitação e frequência popular.

Lazer, classes trabalhadoras e significado social

Um das críticas que são feitas ao importante livro de Engels **A Situação da Classe Operária na Inglaterra** é que em suas descrições e análises não deram a devida atenção aos aspectos

culturais da vida operária. Horrorizado com o processo de denominação do capital e com as péssimas condições de vida material dos trabalhadores ingleses, a dimensão cultural foi por ele relegada. E. P. Thompson e Eric J. Hobsbawm, ao retomarem a história social, dão ênfase a essa dimensão. Hobsbawm em sua obra **Mundo do Trabalho – Novos Estudos Sobre História Operária** em um capítulo intitulado “O Fazer-se da Classe Operária” menciona a obra de Thompson *The Making of the Working Class*, traduzida no Brasil com o título de **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Nesses textos, os autores procuram construir as bases da cultura da classe operária, que vai de 1870 a 1914 na Inglaterra (2).

Segundo Hobsbawm, a década de 1880 é conhecida por todos os historiadores do movimento operário como uma significativa década em que os trabalhadores começam a tornar visíveis os traços culturais que vão compor a identidade da chamada classe operária tradicional. Com seus padrões de vida e visões de mundo específicas, Hobsbawm afirma que a classe operária não chegou a emergir muito antes da década de 1880. As feições culturais da classe operária adquiriram feições no par de décadas seguintes. Os fatores que afetaram as condições de vida dos trabalhadores após 1870 permitiram a mudança na estrutura da vida do trabalhador, como: a queda acentuada do custo de vida durante a Grande depressão de 1873 a 1896; a descoberta do mercado de massa interno e as filas de casas geminadas (by-law housing) que possibilitara produzir muito do ambiente da vida da classe trabalhadora. Hobsbawm, não só é importante estudar a melhoria do padrão de vida, mas, sobretudo as alterações estruturais no cotidiano dos trabalhadores. Entre as mudanças, o autor descreve o aumento do comércio de massa, surgimento das cooperativas, diminuição do comércio varejista, a institucionalização da compra a crédito, a produção em massa do chá em pacotes, a criação de uma dieta da classe operária e as melhorias nas habitações populares. Neste sentido, é importante salientar que o processo de segregação residencial que caracterizou a suburbanização da classe operária.

Hobsbawm aponta também que a mais espetacular transformação ocorrida nesse período foi, sem dúvida, a do padrão do lazer e das férias da classe operária. Além do futebol como uma das mais fortes marcas da cultura masculina e o uso do boné como um símbolo da identidade operária, foi crucial, na década de 1880, a descoberta e o desenvolvimento das férias das classes trabalhadoras. Observou-se a seguir enormes investimentos e a criação de balneários da classe operária a partir do final da década de 1890. Dessa forma, Hobsbawm nos mostra como se construiu o universo simbólico da consciência

operária, fazendo com que o lazer e as férias passem a fazer parte do processo de constituição da identidade do trabalhador inglês.

O que dizem os autores sobre o cotidiano

Será fundamental reconstruir os conceitos de *cotidiano* e de *vida cotidiana, modos de vida*. Consideraremos neste trabalho as reflexões de Joffre Dumazedier, Michel de Certeau e Michel Verret por serem teóricos do lazer e do tempo livre. Serão também importantes as análises que construíram os significados sociológicos e antropológicos da vida cotidiana, sendo pois os fundadores deste campo do conhecimento como Geoges Balandier, Agnés Heller, Henri Lefebvre e Michel Maffesoli

Segundo Henri Lefebvre, Marx analisou a alienação que se produzia dentro da esfera produtiva, mas ele não fez mais do que pressentir este fenômeno dentro das relações cotidianas. Então o que faz este autor conceber a alienação dentro das relações cotidianas? Pode-se dizer que a alienação que se realiza na cotidianidade é um prolongamento da alienação que se manifesta na produção. Segundo Lefebvre, a necessidade de alargar o conceito de alienação seria devido a imbricação entre a esfera do trabalho e os domínios sociais que lhe são externos, típico das sociedades capitalistas. Deste ponto de vista deverá existir algum espaço social de fuga ou de resistência que terá seu lugar na vida que aparece seqüestrada, retirada dos seus direitos mais simples. O lazer aparece assim como o não cotidiano dentro do cotidiano. Não se pode sair do cotidiano. A aventura e o maravilhoso só se mantêm dentro da ficção e da ilusão consentida. Não há evasão. Entretanto, nada é mais desejado como a evasão do cotidiano asfixiante, onde se constrói a ilusão da evasão. Ilusão que não será inteiramente ilusória, mas poderá constituir um “mundo”, algumas vezes aparente e real. Sair do círculo infernal do trabalho cotidiano, aquela atividade difícil de ganhar a vida, obtém no lazer um sentido de libertação. O lazer aqui passa a ser construído pelo indivíduo como uma saída do cotidiano da subordinação. Cria no indivíduo a ilusão de evasão e adquire aqui o sentido de saída do trabalho³

Na construção teórica de Lefebvre, um pressuposto encontra-se presente: há uma ideologização generalizada que impregna o cotidiano. A ligação dos indivíduos à ordem social obedeceria então à de uma ideologia dominante, à difusão de uma representação quimérica do mundo dentro do qual as contradições externas ficam escondidas. Para Lefebvre, a crítica do cotidiano é introduzida dentro da análise do papel que joga a mídia na vida social. A vida cotidiana é então vista como um espaço de evasão encorajado pela diversidade ideológica da cultura de massa. A publicidade

incita uma consumação simbólica de imagens destinadas a conformar estilos de vida padronizados que favorecem a vinculação dos sujeitos à ordem social dominante. A partir da dominação do consumo se pode entender a ilusória satisfação dos indivíduos através do consumo e do lazer. Neste sentido, o consumidor é sempre manipulado e tem uma pequena margem de liberdade. O cotidiano para Lefebvre será privado de originalidade, de criatividade, de inventividade e de tradução de desejos. Suprimi-se dele sua expressividade, forçando-o unilateralmente à passividade. O contexto do cotidiano é levado a absorver as representações do mundo sem entraves e que se coagulam facilmente nas consciências dos dominados. Segundo Lefebvre, as ciências dialéticas se transformariam em método crítico da análise da realidade social e permitiria um conhecimento desmistificador da lógica do cotidiano.

Através das análises de Lefebvre, pode-se construir uma hipótese teórica que orientará nossa investigação, partindo da premissa de que as classes populares não ficam isentas do sonho do consumo. O lazer, mesmo para os mais humildes, está profundamente vinculado aos valores dominantes de sonhos estandardizados coletivamente, onde o lucro econômico de uns não exclui as utopias de outros.

A partir de uma concepção social diferente, Michel Maffesoli refuta a posição de Lefebvre, que contempla o cotidiano como uma fonte unívoca de alienação.⁴ Para Maffesoli, a categoria alienação possui ressonâncias judaico-cristãs, e, por isso, sua concepção é profundamente reformista., tendo como objetivo a mudança ética do mundo. Para essa concepção, assumir que uma alienação generalizada colonize a vida social é concluir sobre a urgência de modificar moralmente a cotidianidade.

Maffesoli parte de uma concepção oposta, parte de um outro pressuposto: o da falsidade, de uma ética da existência, onde há incompatibilidade irresistível do ser e do dever-ser dentro da vida social.. E dá uma ênfase ao cotidiano, extraíndo dele categorias não alienantes, mas valorizantes. Assim, procura compreendê-lo tal como ele é e não procura ver nele o que deveria ser. A concepção de cotidiano de Maffesoli parte do descrédito de toda perfeição histórica, de uma impossibilidade de ultrapassar a alienação, do caráter inevitável da contradição pelo próprio vir-a-ser da vida.

Angel Pasin comenta as incompatibilidades entre Maffesoli e Lefebvre, que são, de certa forma, se assemelham com aquelas que ocorrem entre Marx e Nietzsche.⁵ Fica-se entre o trágico e o dramático, entre a delegação e a liberdade dentro de um projeto de futuro e a afirmação que abraça o instante como plenitude de vida, Em suma, Pasin mostra que existem diferenças paradigmáticas entre Lefebvre e Maffesoli. O primeiro acentua

na cotidianidade tudo o que lhe é paradoxal; o segundo procura enriquecer a vida onde o presente está comprometido. Maffesoli entende que a teoria da alienação do cotidiano pressupõe uma forte passividade das massas. O autor não aceita que os dominados sejam simples receptores passivos da ideologia dominante. Esta versão do social não leva em conta a criatividade, a invenção, a genialidade das massas face as coerções que são exercidas sobre elas.

A partir das premissas de Maffesoli podemos descrever as formas de realização do lazer popular e nelas observar o estilo de vida de uma camada social. Essas formas de lazer expressam o modo de ser destes grupos, que criam estratégias de sobrevivência cotidianas para fugir da dureza e da difícil tarefa de viver com baixos rendimentos, subempregados ou até mesmo desempregados. Apesar de toda essa realidade de privações são capazes de criarem formas alternativas de inserção na vida cotidiana, criando laços coletivos, solidariedade grupal e momentos de alegria passageira.

Lazer e Desenvolvimento local

Como observa Marcelo Souza, “a literatura científica sobre desenvolvimento não tem dedicado ao turismo uma atenção à altura da importância que ele, cada vez mais, possui. As razões não parecem muito claras: talvez pelo fato de o turismo de massa ser fenômeno relativamente recente, pós-Segunda Guerra Mundial; talvez pelo fato de sua importância não for a mesma para todos os países, todas as regiões e todas as cidades; talvez, ainda, porque, como turismo significa também lazer e descanso, seja comum não vê-lo como assunto “sério””.⁶

Souza enfatiza que o turismo de massa não tem apenas significado econômico (fonte de renda e divisas), mas também exerce outros impactos igualmente relevantes, notadamente sobre a cultura e o espaço (natural e/ou social) da área receptora dos turistas. O turismo é uma atividade complexa, de importância crescente e de significativo potencial de impacto (positivo e negativo) sobre as relações sociais e o ambiente. Merece, por isso, mais que um lugar subalterno no contexto da reflexão teórica sobre o desenvolvimento.

Como o turismo e o lazer podem contribuir para o desenvolvimento local? Nosso interesse nesta parte é levantar algumas questões que possam responder a esta indagação.

Acreditamos que estas questões serão bem respondidas se forem fundamentadas em estudos de caso. Isto porque o turismo como o lazer se refere às realidades sociais muito diferenciadas, às cidades históricas e cidades que se definem

como balneários de férias, praias urbanas ou santuários naturais afastados do centro urbano, vilas montanhosas, entre outras. As realidades que nos conduzirão a reflexões e indagações são diferenciadas e apenas as análises de casos particulares e comparativos, nos servirão para elucidar hipóteses e conduzir a algumas reflexões. Partimos da hipótese que o desenvolvimento é um conceito polissêmico e sua definição requer explicitação.

Para nós, o significado de desenvolvimento não é sinônimo de crescimento econômico. O aumento da produção de bens e o progresso técnico são apenas meios para se atingir um desenvolvimento social igualitário e mais justo socialmente. Sabemos que a ideologia do desenvolvimento costuma ser carregada de sentido etnocêntrico, levando também a uma confusão entre meios e fins. Mas esta confusão, como observa Souza,

*(...) é muito conveniente para os que se beneficiam dessa ideologia, já que ela serve para encobrir o fim que perseguem-ou seja, a perpetuação e o “aperfeiçoamento do modelo civilizatório capitalista, em cujo âmbito, se eles ganham, muitos outros perdem.”*⁷

O ângulo pelo qual o autor tem considerado a questão do desenvolvimento é muito mais abrangente, remete ao desenvolvimento sócio-espacial. Compreendido como um processo de superação de problemas e de conquista de condições (culturais, técnico-tecnológicas, político-institucionais, espaço-territoriais) propiciadoras de maior felicidade individual e coletiva, o desenvolvimento exige a consideração simultânea das diversas dimensões constituintes das relações sociais (cultura, economia, política) e, também do espaço natural e social. Neste sentido, as abordagens que enfatizam só o crescimento econômico e o progresso técnico são totalmente insuficientes como parâmetros definitórios. Pode-se mesmo dizer que o crescimento econômico, em si já faz parte do problema, na medida em que produz a degradação ambiental; o mau emprego do progresso técnico faz-se acompanhar pelo desemprego tecnológico e a exclusão, além de um grave processo de concentração de renda.

Para responder a pergunta proposta neste texto, a saber, como o turismo de massa e lazer podem contribuir para o desenvolvimento, acreditamos ter enunciado uma complexidade metodológica relevante sobre o desenvolvimento que se torna extremamente complicada para ser respondida. A questão é refletir sobre o significado e o papel social e econômico que o turismo e o lazer desempenham em situações espaciais concretas. Alguns autores propõem procurar responder questionando: **quem ganha e quem perde** com a atividade turística? Parece ser necessário fazer uma distinção. Parece também ser fundamental indagar sobre a **autonomia** de quem tem condições de gerir o turismo. Souza aponta para a

questão da autonomia:

*Autonomia, de quem?... Se a maioria da população não puder participar livremente da gestão dos recursos sócio espaciais de seu município, o turismo (e outras atividades) dificilmente corresponderá às suas expectativas e casarão com os seus interesses; dificilmente, portanto, o turismo tenderá a trazer desenvolvimento sócio espacial duradouro.*⁸

Pressupõe-se, portanto, que para o desenvolvimento sócio- espacial de uma coletividade, é necessário que ela tenha autonomia para gerir seus recursos e seus destinos, consciente de suas prioridades, e que consiga equacionar os interesses e as necessidades locais.

Turismo, Lazer e Desemprego

Podemos dizer que existe um reconhecimento que o capitalismo global está passando por uma grande crise econômica. O neoliberalismo e a chamada acumulação flexível trouxeram graves conseqüências para as sociedades periféricas como aumento do desemprego e o alargamento do processo de exclusão social. Estes fenômenos destrutivos não afetaram somente os países pobres, se encontram largamente difundidos também nos países centrais do capitalismo. Esta característica autodestrutiva do processo de globalização, é também caracterizada por sua tendências regressiva na medida que tem destruído todo um processo de ganhos sociais e da classe trabalhadora, criando a precarização das relações de trabalho, apoiada por uma ampla população desempregada, possibilitando o aumento dos excluídos do sistema produtivo. Para Robert Kurz, “o capitalismo tornou-se incapaz de explorar, isto é, pela primeira vez na história capitalista está diminuindo a massa global do trabalho abstrato produtivamente explorado, isso em virtude da intensificação permanente da força produtiva”.⁹

Para o autor, a ciência e a tecnologia geradas cegamente pelo próprio capitalismo criaram ao nível substancial-material forças incompatíveis com as forma da reprodução capitalista. Conseqüentemente, vê-se a transformação das forças produtivas em potenciais destrutivos, provocando sérias catástrofes ecológicas e socioeconômicas.¹⁰

A globalização da economia tem conduzido ao uso de uma tecnologia altamente poupadora de mão de obra. Como observa Ana Clara Ribeiro, o enfrentamento da exclusão, evidentemente, dependerá de novas políticas sociais e econômicas, mas, também dependerá do resgate dos valores culturais, da ética nas relações sociais cotidianas e de estímulo às soluções encontradas pelos pobres, para sua sobrevivência.¹¹

Neste sentido, a economia solidária pode criar

um outro circuito, com possibilidade de integrar parcelas da população desempregada, conforme proposto por Paul Singer em 1996. E qual o papel da criação do turismo e do lazer neste processo? Rodrigues vê no setor turístico um grande potencial que pode absorver contingentes de trabalhadores desempregados:

*Há que se adotar estratégias microeconômicas de combate ao desemprego, procurando inserir os novos microempresários num setor econômico especialmente projetado para minimizar as chances de sucesso como o turismo, por exemplo.*¹²

Sabemos que nos países periféricos grande parte da população desocupada vive do setor informal. O turismo nestes países alimenta de forma surpreendente o setor informal. Atualmente, muitos estudos reconhecem que a atividade turística tem importância econômica, mas reconhecem, também, que ela provoca degradação ambiental nas áreas receptoras. Portanto é necessário discutir profundamente o turismo como forma de desenvolvimento local.

Neste sentido, Silveira propõe discutir o significado do turismo, para que ele seja, “ambientalmente sustentável, economicamente viável e socialmente justo tendo como suporte a dinâmica local e o planejamento participativo.”¹³

Uma tentativa de criação de um lazer social

O piscinão, assim batizado pela comunidade, além de ser considerada uma agradável área de lazer, revelava-se para os políticos governantes um verdadeiro exercício de cidadania porque, ao promover a recuperação ambiental do abandonado bairro de Ramos, após 40 anos de descaso, resgatou também a auto-estima de sua população, igualmente esquecida durante décadas. É o que encontramos nos depoimentos jubilatórios de André Corrêa, Deputado Estadual (PV) e ex-Secretário Estadual do Meio Ambiente, retirados de uma reportagem publicada na internet:

Hoje, já consagrado com uma história de sucesso que repercute além da região, o famoso piscinão já propicia, paralelamente ao lazer, postos de trabalho e geração de renda. Atualmente, cerca de 1.300 pessoas já desenvolvem algum tipo de atividade comercial ou de serviços na área do projeto, que envolve não só o piscinão (lago de água salgada de 27 mil m²), como também uma ciclovia de 1.200m, três quadras poliesportivas, uma de futebol de areia e outra de vôlei de praia e quiosques, além da lona cultural, o circo voador da praia de Ramos, um espaço para shows com capacidade para até sete mil pessoas. Idealizamos o projeto, inaugurado em dezembro de 2001, e envolvemos as lideranças comunitárias desde o início da obra, executada com mão de obra local, que

continua integrada, garantindo a limpeza do local, que conta com 70 latões de lixo, além de lixeiras de postes. O plano de recuperação ambiental da praia de Ramos, que incluiu a revitalização urbana do espaço, garante também a qualidade da água que abastece o piscinão, após ser captada na baía de Guanabara. A água bombeada do mar passa por processo complexo de limpeza (flotação em fluxo), seguida de cloração, com as unidades de tratamento dimensionadas para uma vazão de 100 litros por segundo e para uma taxa de renovação mínima de 25% ao dia, trocando totalmente a água de 4 em 4 dias. A FEEMA é responsável pelo monitoramento do piscinão, com coletas e vistorias constantes, cujos resultados atestam os excelentes índices de qualidade da água do piscinão.

*Todas essas conquistas, continua o secretário, foram garantidas a partir de dezembro de 2000, quando assinamos o Termo de Ajuste de Conduta da Petrobrás, cobrando da estatal investimentos indispensáveis nos sistemas produtivos e operacionais da REDUC e DTSE, totalizando R\$192 milhões em 3 anos, garantindo assim um maior controle do risco de poluição da baía de Guanabara. Ainda como resultado deste Termo de Ajuste, conseguimos cobrar investimentos em obras e ações de projetos comunitários, como medidas compensatórias pelos danos causados à baía e aos cidadãos residentes na região. Portanto, a Petrobrás financiou o nosso projeto de recuperação ambiental da praia de Ramos, investindo R\$17 milhões na obra e na manutenção da área de lazer.*¹⁴

Como afirmou o secretário, investir em meio ambiente pode ser um espaço gerador de emprego e renda, além de garantir uma melhor qualidade de vida para todos. Porém, é importante observar que o Piscinão de Ramos abriu um importante debate público no que se refere a questão ambiental.

O debate pode ser sintetizado por algumas entrevistas apresentadas em uma reportagem do Terra e veiculado pela internet¹⁵:

O lago do Piscinão de Ramos é menor do que muitos imaginam, tem o tamanho de cerca de Três campos de futebol. Mas seus 30 milhões de litros de água certamente estão entre os mais polêmicos do Brasil. A lista do diz-que-diz é extensa: acusações de obra eleitoreira e populista, proibições de traficantes ao uso da cor vermelha, contaminação da água por excesso de urina (humana!), afogamentos, mau uso do dinheiro público...

Já a advogada Juliana Ribeiro utiliza outro argumento que é encaminhado em forma de pergunta: . Para ela, assim como para muitos cariocas, a obra é populista e tem objetivos eleitorais, já que, naquela ocasião, o governador do Estado era Anthony Garotinho (PSB), se apresentava como pré-candidato à presidência da República.

Por que não utilizar essa verba pra despoluir a Baía de Guanabara? Concordo que seria muito mais demorado, mas um dia tem de começar”, (Juliana, uma moradora de Ipanema que nunca foi ao piscinão e, na verdade, nem faz planos para tanto).

Outro assunto que despertou polêmica no Rio

de Janeiro, apresentado ainda pela reportagem da Terra, foi a ingerência de traficantes da favela Roquete Pinto, vizinha ao piscinão, nas regras de vestuário dos banhistas. O uso de roupas vermelhas estaria proibido, por determinação do tráfico. Isto porque a favela, além de ser reduto de sambistas da Imperatriz Leopoldinense, cuja quadra fica próxima, é dominado pela facção criminosa Terceiro Comando, principal rival do Comando Vermelho.

Apesar de todos em Ramos negarem que a tal regra tivesse sido colocada em prática, a reportagem da Terra encontrou apenas um frequentador da área de lazer que desafiou a suposta ordem: o menino João Júnior, quatro anos de idade, que usava uma camiseta vermelha sob um macacão jeans. “O pai dele vestiu assim e disse que não havia problemas”, contou Izelilda Ramos, que trouxe João para brincar no complexo ao lado de sua filha. Era a primeira vez que todos visitavam o local.

Como demonstra a mencionada reportagem, as crianças foram uma das principais preocupações dos bombeiros.

Os menores estão entre as principais vítimas dos afogamentos que assustaram a população logo após a inauguração do piscinão. Os salva-vidas realizaram cerca de 90 salvamentos no local. Proporcionalmente ao número de banhistas, não foram tantos casos. No caso mais grave, uma menina de 5 anos morreu afogada. (Coronel Marcos Silva, chefe do Corpo de Bombeiros em Ramos)

O governo estadual divulgou pela imprensa possíveis soluções para o problema. Entre as soluções sugeridas, estão as aulas de natação ministradas gratuitamente na comunidade. O curso previa inicialmente a inscrição de cerca aproximadamente 500 crianças. No entanto, a administração pública resolveu não esperar pela entrega dos diplomas. Uma das justificativas apresentadas para o fechamento temporário do piscinão foi a redução da profundidade máxima do lago, inicialmente de dois metros. Quando a população voltar a ter acesso à água, o ponto mais fundo não passará de 1,5 metros.

Entre outras propostas o governo aprovou a instalação da Internet comunitária no Piscinão de Ramos. O balanço final do projeto, já realizado, revelou que 90% dos participantes, com faixa etária entre 14 e 50 anos, nunca haviam tido contato com o computador. O projeto atendeu, na tenda do Circo Voador no Piscinão, cerca de 400 pessoas das comunidades de Ramos e Roquete Pinto. Foram quatro turmas diárias, sendo duas na parte da manhã e duas na parte da tarde.

Vejam agora a posição dos Ambientalistas. O geógrafo Elmo Amador, doutor em Ciências pela UFRJ, especialista em Geologia Marinha pela UFRGS e militante do setorial de ambientalistas do Partido dos Trabalhadores, expõe os

problemas enfrentados pela Baía de Guanabara, das estações vai ser abandonado: _____ em depoimento à Revista Nação Brasil.¹⁶

A situação da Baía da Guanabara é a mais triste do estado. Foi vendida durante mais de sete anos a idéia da existência de um projeto redentor da Baía da Guanabara, que era o PDBG (Programa de Despoluição da Baía de Guanabara). Foi colocado como o grande projeto que ia resolver tudo. Depois de algum tempo, a gente viu que era apenas um projeto de saneamento básico, que propunha a construção de estações de tratamento do esgoto e de algumas ações em macro-drenagem, um pouco na questão do lixo e muito pouco na área ambiental propriamente dita.

No entanto, ele considerou o projeto importante, embora houvesse uma grande crítica, que era o fato de o projeto apropriar a questão ambiental como um todo, sem ter de fato componentes ambientais:

Então, os recursos internacionais que estavam vindo do BID e do Japan Bank iam começar a atuar em um problema antigo, que é o do saneamento. E essa mudança de ênfase nos investimentos dos bancos se deveu muito às pressões dos ambientalistas a partir da Rio-92. Porque esses bancos eram conhecidos por financiar grandes empreendimentos impactantes ambientalmente em todo o mundo. Então, após o Rio-92, esses bancos passaram a financiar diversos projetos na área do saneamento, que é um setor que envolve muitos interesses, se apropriando do discurso ambiental. Projetos que estavam engavetados passaram a ter viabilidade com esses recursos internacionais. Mas esses recursos são empréstimos, que nós vamos ter que pagar. O PDBG foi acertado com o governo Brizola, depois da Rio-92, e começou de fato com o Marcello Alencar”.

Amador salientou que todas as estações de tratamento, num total de nove, foram construídas, com um custo de mais de US\$ 1 bilhão e foram inauguradas e reinauguradas diversas vezes e lembrou também que a maioria delas não funciona, ou funciona precariamente.

As estações inauguradas há muito tempo, como as de São Gonçalo, não tratam nem 20% da carga total. E o que aconteceu? O estado tinha a obrigação de dar uma contra-partida para esse financiamento. O financiamento era para a construção das estações e de uma parte da rede principal. E o estado Teria que bancar uma parte da rede principal e a malha fina domiciliar. Mas não fez isso. O governo Garotinho foi o governo que menos aportou contra-partida, praticamente nada. Com isso, o PDBG está praticamente no final, e como o estado não honrou a contra-partida, as estações não estão ligadas às casas. E o que é pior: o prazo para o programa é junho de 2003. Seriam necessários ainda mais ou menos R\$ 400 milhões.

Amador constatou ainda que o Estado está endividado, e precisa conseguir renegociar o empréstimo, o que, segundo ele, significa que aquele sonho de aumentar o nível de tratamento

*A gente está mergulhando em uma crise que não tem mais fim. Nós estamos pensando, no ConEMA, em entrar com uma ação no Ministério Público e responsabilizar os executores desse projeto por todos esses desvios de recursos. E vale lembrar que esse programa é só para cuidar de um dos problemas da Baía de Guanabara, que é o saneamento básico. As outras questões da Baía, como o assoreamento, o lixo flutuante, o derramamento de óleo, a poluição industrial, os aterros, não têm sido objeto de ação concreta do governo do estado. Porque não existem recursos internacionais para esses projetos, e o estado não prioriza essa questão.**

Para Elmo Amador, o piscinão de Ramos tem um papel muito mais político do que um projeto ambiental é o que fica explícito nesta entrevista:

Veja que paradoxo: o governo Garotinho apregoa na mídia que foi o governo que mais gastou com o meio-ambiente. De fato, nenhum outro governo havia tido tanto recurso disponível para o meio-ambiente, via multas ambientais, cujas regulamentações jurídicas são recentes. Mas nenhum aplicou tão mal esses recursos. E um exemplo é justamente a questão do piscinão. A Petrobrás deu cerca de R\$ 20 milhões — referentes a uma multa pelo vazamento de óleo na Baía — para um projeto eleitoral de um candidato que foi eleito com essa bandeira, o André Corrêa. Esses R\$ 20 milhões poderiam ter sido utilizados na implementação de um desses projetos que a gente chama de ambientais: a questão do lixo flutuante, a questão do assoreamento, que são projetos de baixo custo. A população de Ramos tem todo o direito de ter acesso ao lazer perto do local de moradia. Mas o piscinão não é um projeto ambiental. É um projeto de urbanismo, típico de uma administração municipal, e não da secretaria estadual do meio ambiente. Em vez daquele Piscinão caríssimo, de difícil manutenção, a prefeitura — e não o governo do estado — poderia ter construído piscinas olímpicas, de água doce. E isso traz à baila uma bandeira antiga: a necessidade de um controle social desses programas, das ações do poder público, em todos os campos e em particular na área ambiental. Esses projetos não são controlados pela sociedade.

Portanto, podemos resumir os dois paradoxos centrais que nosso estudo terá que confrontar. Primeiro um paradoxo ambiental. O Piscinão de Ramos consegue construir um direito cidadão que é o de oferecer lazer para as comunidades que vivem no entorno da praia de Ramos. Neste sentido, existem ganhos sociais para a comunidade, para o governo do Estado que pode realizar seu populismo com as classes trabalhadoras, enquanto a Petrobrás compensa, de certa forma a grande poluição na Baía de Guanabara, da qual ela foi um dos principais agentes. Se há benefícios para a comunidade, empresa e governo do Estado, não há para a natureza: continua ocorrendo a crescente degradação ambiental da Baía e a praia de Ramos não foi despoluída.

BIBLIOGRAFIA:

AUGÉ, Marc (1994). **Não – Lugares: Uma Introdução à Antropologia da Supermodernidade**- Campinas; Papirus.

BÉTEILLE, Roger. **Le Tourisme Vert**. Paris: PUF

BAUDRILLARD, Jean (1985). **À Sombra das Maiorias Silenciosas**. São Paulo: Brasiliense.

ECO, Umberto (1984). **Viagem na Irrealidade Cotidiana** Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

GOFFMAN, Erving (1974). **Les Rites de Interaction** Paris: Minuit

HARVEY, David (1992). **Condição Pós-Moderna** - São Paulo: Loyola.

DUMAZEDIER, Joffre (2001). **Sociologia Empírica do Lazer** São Paulo: Perspectiva/SESC

DUMAZEDIER, Joffre (2000). **Lazer e Cultura Popular** São Paulo: Perspectiva/SESC

FORASTIÉ, Jean (1970). **Des Loisirs pour Quoi Faire?** Paris: Casterman

KURZ, Robert (1993). **O Colapso da Modernização** Rio de Janeiro: Paz e Terra.

LANQUAR, R. e RAYNOUARD, Yves (1978). **e tourisme Associatif**. Paris: France.

LANQUAR, Robert (1985). **Sociologie du Tourisme et de voyages**. Paris: PUF.

LEFEBVRE, Henri (1961). **Critique de la vie quotidienne** Paris: L'arche éditeur

MAFFESOLI, Michel (1984). **A Conquista do Presente**. Rio de Janeiro: Rocco .

ORTIZ, Renato (1996). “A Viagem, o Popular e o Outro”. In: **Um Outro Território**- São Paulo: Olho d'água

PÉRIER, Pierre (2000). **Vacances Populaires, Images, Pratiques et Memoire**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

RODRIGUES, Adyr (Org.) (2002). **Turismo e Desenvolvimento Local**. São Paulo: Hucitec

SERRANO, C.M. Toledo e BRUHNS, Heloisa T.(1994). **Viagens à Natureza (Turismo, Cultura e Ambiente)**. Campinas: Papirus

NOTAS:

(1) Dumazedier, Joffre. **Sociologia Empírica do Lazer** São Paulo: Perspectiva/SESC, 20

(2) Périer, Pierre. **Vacances Populaire, Images, Pratiques et Memoire**. Rennes: PUF de Rennes, 2000

(3) Lefebvre, Henri . **Critique de la Vie Quotidienne**. Paris: L'Arche. Éditeur, 1961.

(4) - Maffesoli, Michel. **A Conquista do Presente** Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

(5) Pasin, Angel, E. C.. “La Quotidienneté comme Objet” in, **Sociétés**, n. 78 |2002.

(6) Souza, Marcelo J. L. “Como Pode o Turismo Contribuir Para o Desenvolvimento Local ?” In : Rodrigues, Adyr **Turismo e Desenvolvimento Local** São Paulo : Hucitec, 2002

(7) Idem, p.18.

(8) Idem, p.19.

(9) Kurz, Robert. **O Colapso da Modernização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993, p. 226.

(10) Idem, p. 227

(11) Ribeiro, Ana Clara Torres. **Urbanidade e Vida Metropolitana**. Rio de Janeiro: Jobram, 1996.p.62.

(12) Rodrigues, Adyr. “Turismo local: Oportunidades Para Inserção”. In: **Turismo e Desenvolvimento Local**, op. cit., p.62

(13) Silveira, Marcos Aurélio. “Planejamento Territorial e Dinâmica Local”. In: **Turismo e Desenvolvimento Local**, op. cit., p. 88.

(14) Correa, André. “Piscinão de Ramos : Um Banho de Cidadania” in: **Jornal do Meio Ambiente** Ano VII – Edição n. 77 - Julho 2002)

(15) Gwercman, Sérgio. “Piscinão de Ramos. Mar de Polêmicas”. In: **www.terra.com.br**

(16) No ano 2000, a **Revista Nação Brasil** publicou o Dossiê do Meio Ambiente (de que foi editada uma versão -para CD-Rom).

(*) O foco eram os serviços existentes no Portal do Cidadão, site do governo, que disponibiliza mais de 130 serviços estaduais via internet que vão desde uma segunda via de documento até a lista de remédios genéricos. Para a implantação do projeto, foram disponibilizados onze microcomputadores e um projetor de multimídia e ainda três terminais de auto-atendimento para o público. A gerência responsável pelo projeto já está trabalhando no mapeamento das comunidades do Jacarezinho, Méier, Mesquita e Nova Iguaçu que serão as próximas beneficiadas pelo Internet Comunitá.